

EM POR

O S S E G R E D O S D A N O S S A

DEMOGRAFIA

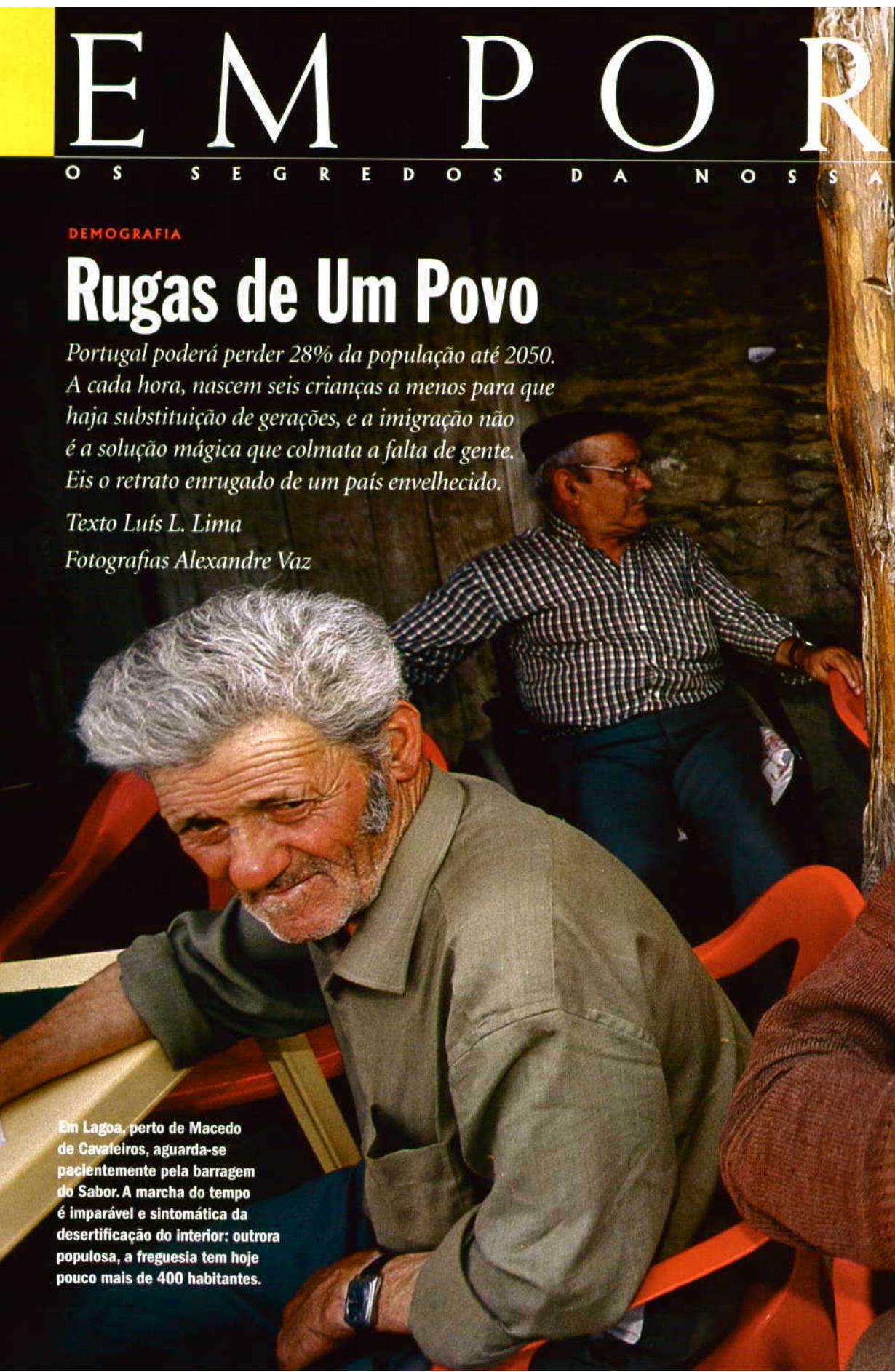
Rugas de Um Povo

Portugal poderá perder 28% da população até 2050.

A cada hora, nascem seis crianças a menos para que haja substituição de gerações, e a imigração não é a solução mágica que colmata a falta de gente. Eis o retrato enrugado de um país envelhecido.

Texto Luís L. Lima

Fotografias Alexandre Vaz



Em Lagoa, perto de Macedo de Cavaleiros, aguarda-se pacientemente pela barragem do Sabor. A marcha do tempo é imparável e sintomática da desertificação do interior: outrora populosa, a freguesia tem hoje pouco mais de 400 habitantes.

TUGÊS

CULTURA GEOGRÁFICA



EM PORTUGUÊS

Vila de Rei, centro geodésico de Portugal, 7 de Novembro. Passa da uma da tarde. Da igreja matriz começa por sair um par, depois um pequeno grupo de três, mais um e outro e outro ainda, isolados. O cortejo adensa-se e, ao fim de três minutos, as portas do templo debitaram já um fluxo denso de gente. Passa uma semana sobre o dia de Todos os Santos. Quase todos se vestem de preto, todos com um pouco de cinza no olhar. Pelos degraus descem lentamente, conversam pouco. Finda a missa dos fiéis defuntos, espraia-se diante da igreja uma paisagem de idosos. Lá dentro ocorria o ofício das almas, para um melhor recolhimento em memória dos que já viveram tudo; cá fora, é tempo de voltar para a solidão da casa, para a silenciosa azáfama do lar ou para o calor da família.

Cerca de metade da população do concelho de Vila de Rei é constituída por seniores. Hoje, neste sugestivo centro do país, vive-se mais. Mais tempo para beneficiar do conforto de um dos três lares locais, ou no futuro empreendi-

mento do género com 300 camas; mais tempo para usufruir das vantagens nas taxas municipais e descontos do cartão do idoso, mais tempo para as mágoas de ver mais um incêndio devastar 85% do concelho. Mais tempo também para ver envelhecer os cada vez menos filhos... e nascer um solitário neto. Não é sem esforço que a localidade encara o problema do envelhecimento da população, a baixa natalidade e a consequente quebra demográfica. "Anualmente, a 19 de Setembro, é pago o subsídio de casamento a quem nesse ano tenha contraído matrimónio em Vila de Rei", diz Ricardo Alves, vice-presidente da Câmara Municipal. Trata-se de um prémio-subsídio no valor de mil euros. "Para quem queira casar, há ainda cedência de terrenos da câmara para construção de habitação própria, com loteamentos completos." Há também o incentivo ao nascimento em Vila de Rei, com um valor de 750 euros por filho. Consciente de que não é suficiente para induzir matrimônios ou atrair gente de fora, o edil desabafa: "Depois do grande incêndio de 2003, o concelho fi-



"Do ponto de vista da sustentabilidade ecológica, o declínio da população poderia ser positivo", defende Jorge Palmeirim, antigo presidente da Liga para a Protecção da Natureza. "Com os presentes padrões de consumo, não temos recursos terrestres ou marinhos para sustentar dez milhões de habitantes." A desertificação do interior (à esquerda) e o stress urbano, associados ao tempo perdido no acesso ao trabalho (em cima) são problemas actuais.



cou mais pobre. Estes incentivos são mais uma prenda para quem trabalha e permanece em Vila de Rei do que para atrair gente nova." Mas há mais apoios. Para as famílias: as creches, jardins de infância e actividades de tempos livres são gratuitos, bem como os transportes dos alunos para as escolas; há descontos com o cartão jovem do município, nas taxas de água e nas licenças para construção. Para os mais velhos: há o cartão do idoso, e apoio domiciliário que serve para levar refeições, limpar a casa e dar apoio psicológico.

"Este ano nasceu a Oficina Doméstica, que presta serviços a pessoas carenciadas e idosas, para pequenas obras como rebocar uma parede, concertar canalizações, roçar as ervas à frente de casa ou substituir uma lâmpada", explica Ricardo Alves. Mas a população inexoravelmente decresce.

O Pior dos Cenários

Segundo um estudo do Instituto Nacional de Estatística (INE) publicado em 2004, vai verificar-se um forte decréscimo e envelhecimento da população até 2050. São

traçados três grandes cenários. O cenário elevado revela que, dos actuais 10.256.700 habitantes, haverá, dentro de quatro décadas, 10.045.100; o cenário-base, tido como o indicador mais plausível, aponta para 9.302.500; finalmente, o cenário baixo indica o número de 7.487.600 para a população total de Portugal, no ano de 2050. Fernando Castro, presidente da Associação Portuguesa de Famílias Numerosas, questiona a plausibilidade do cenário-base e apresenta contas: "O cenário plausível é o baixo, pois constrói uma

EM PORTUGUÊS



projecção a 20 anos com base nos valores das últimas duas décadas e não no intervalo de 1995 a 2000.”

A mesma conclusão foi sugerida pelo Programa Nacional da Política e Ordenamento do Território (PNPOT). Este relatório afirma taxativamente que o país está a envelhecer, com incidência no Alentejo. Nuno M. Costa, professor do Instituto de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e membro da equipa de investigação do PNPOT, sublinha que “a situação demográfica não é de hoje; desde 1980 que se verifica um decréscimo acentuado. Estávamos então acima da média europeia em termos de índices de fertilidade e passámos para níveis abaixo dessa média, em duas curtissímas décadas. Por isso, tudo o que fizermos hoje só terá repercuções daqui a 20 anos”.

Por seu turno, Mário Vale, presidente da Associação Portuguesa de Geógrafos, destaca entre os dados do PNPOT a taxa de fertilidade (número médio de filhos por mulher): “As mulheres portuguesas têm menos filhos do que a média das mulheres europeias”, diz. A taxa apresenta uma queda de 3,1, na década de 1960, para um preocupante 1,5 em 2004. Há vários factores para esta acentua-

da baixa da natalidade, mas um sobressai – o adiamento do nascimento do primeiro filho, “relacionado com as características do mercado de trabalho nacional e com o facto de as mulheres terem carreiras”, explica Madalena Barata, coordenadora do Centro de Medicina da Reprodução do Hospital Inglês, em Lisboa. O resultado está à vista: um em cada cinco casais portugueses tem problemas de fertilidade, sendo que apenas 30% dos tratamentos resultam em bebés. “O ambiente tem influências de tal modo evidentes na espermatogénese que, combinadas com o facto de cada vez mais mulheres planearem o primeiro filho depois dos 30 anos, é uma carga de trabalhos sempre que alguém quer ter filhos”, conclui. Mas nem toda a espermatogénese está em crise...

Vale de Milhaços, Corroios. 20 de Setembro. São oito da noite. Do lado de fora da casa ouvem-se choros e vozes indistintas que ecoam à luz dos candeeiros públicos, dissipando-se na humidade que anuncia o Outono. Do lado de dentro, na sala com 36 metros quadrados, um a um, cumprimentando e procurando lugar nos dois sofás dispostos perpendicularmente, os meninos e meninas

No início da década de 1980, o índice de fertilidade português (à esquerda) estava acima da média europeia. Vinte e cinco anos depois, o mesmo referencial é inferior aos dos parceiros europeus. A infertilidade aflige também cada vez mais a sociedade portuguesa: 15 a 20% dos casais sofre do problema. Contrariando a tendência nacional, Braga (em baixo) é uma das cidades mais jovens do país e da Europa. Concluindo a universidade emergente com uma indústria pujante, a cidade minhota cria condições para a fixação de jovens na região.

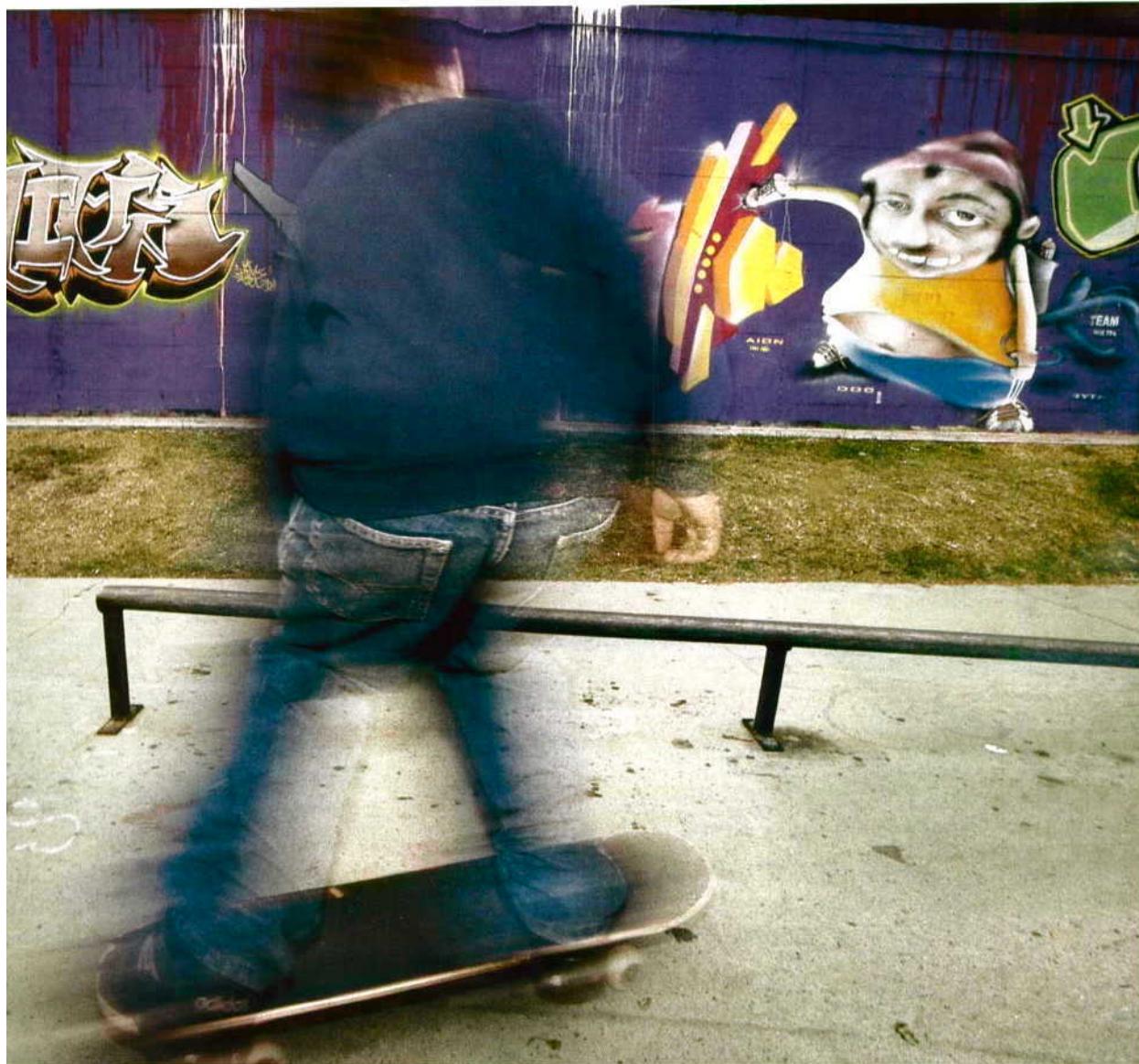


vão enchendo a sala. A mãe faz as apresentações com o Joseph ao colo. Com um mês e meio à data, é o mais novo da casa e está com uma grande birra de sono. Américo e Cristina Torres têm uma família numerosa que nasceu com o namoro do casal. "O nosso projeto era termos seis filhos biológicos e um adoptado. Fomos além desse número, por 'recompensa de bom comportamento'", diz Cristina. Com nove filhos biológicos e um "filho do coração", como gosta de chamar ao seu filho adoptivo, Américo Torres descreve a especificidade do quotidiano de uma fa-

mília numerosa: "Não temos apoio por sermos uma família numerosa. Antes pelo contrário, os abatimentos no IRS só valem para cinco filhos, a partir daí quem vier a mais não conta. Depois, andamos sempre em infracção ao Código da Estrada, já que temos uma carrinha de nove lugares e agora somos doze." Confessa que vão todos em linha com cinto e cadeirinhas mas, se tivessem possibilidade, optariam por um minibus.

Há também as contas domésticas, como a da água. Mesmo que poupadinhos no consumo, "acabamos por ser mais taxados e por

pagar mais que um casal sem filhos mais despesista, já que a taxa não é calculada em função do consumo *per capita*", sublinha o pai de família. Apesar das ginásticas financeiras para aguentar cinco filhos em colégios privados, tudo se resolve, já que, "com o sexto foram todos para a escola pública e a despesa baixou." Conclui Américo Torres: "O argumento de que a vida está cara não justifica a ausência de filhos. Não basta dizer 'só tenho um filho porque lhe quero dar o melhor'. Sabe? O melhor que se pode dar a um filho é o amor."



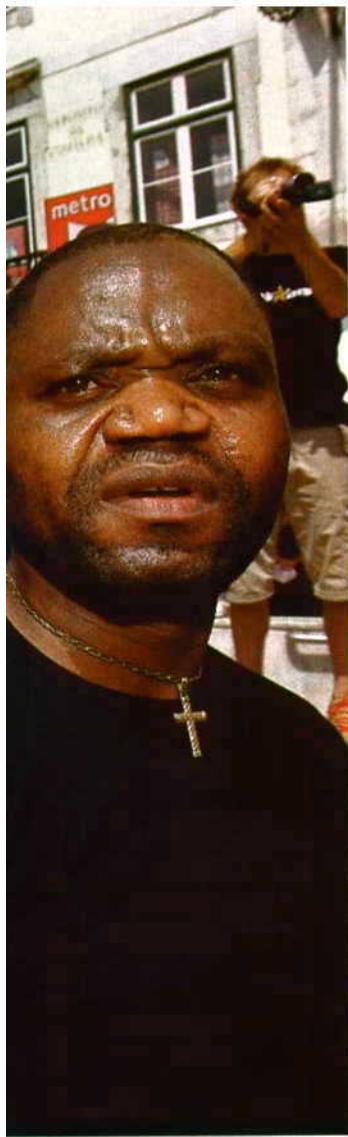
EM PORTUGUÊS



De olhos novamente colocados nas previsões do PNPUT. À primeira vista, trazem boas novas: a esperança de vida aumentou nos últimos anos, prevendo-se que, em 2050, os homens vivam em média 79 a 80 anos e as mulheres um pouco acima dos 84. Todavia, a natalidade não acompanha a taxa de longevidade. Antes pelo contrário: com a taxa de fertilidade de 1,5 filhos por mulher, o que acontece é um défice de natalidade de 31%, segundo as contas de Fernando Castro: "São 50 mil nascimentos a menos por ano, o que dá seis crianças em falta por hora."

Margarida Neto, antiga Coordenadora Nacional para os Assuntos da Família e responsável pelos "100 Compromissos para uma Política da Família", expõe o problema: "As famílias têm poucos filhos mas, em contrapartida, têm um pai e uma mãe, quando não avós, para cuidar. É claro que, assim, os casais não podem ter muitos filhos, mas quanto menos tiverem, menos ajuda de uma geração mais nova e menos apoio do Estado terão". Este ciclo vicioso e perverso inquieta a psiquiatra, que teme ver chegar o dia em que "não haverá crianças

nos transportes públicos nem jovens surfistas nas nossas praias". Para referir que a política de natalidade em Portugal é hoje totalmente inexistente, puxa pelos galões e destaca algumas das medidas que, saídas dos "100 Compromissos", foram vinculativas: as licenças de maternidade com opção de quatro meses pagos a 100% ou cinco meses pagos a 80%; a obrigatoriedade de os pais irem para casa durante os cinco dias que sucedem o parto; e o direito de os encarregados de educação poderem ir à escola quatro horas por trimestre, por cada fi-



País habituado à entrada e saída de habitantes, Portugal alberga uma importante comunidade imigrante. Embora as estimativas não sejam unânimes, calcula-se que residam no país cerca de 400 mil estrangeiros legalizados. Na Praça Dom Pedro IV, em Lisboa, local tradicional de encontro da comunidade de origem africana, reage-se com indignação (em cima) a uma manifestação contra a imigração convocada por uma associação de extrema direita.

lho, com falta justificada e paga pela segurança social.

A Ilusão da Solução Mágica

O Portugal estatístico do INE terá, em 2050, entre 7,5 e dez milhões de habitantes. Face a 2001, a população poderá descer entre 3% e 28%. O cenário é dramático. Quando assim é, muitas vozes apelam à solução milagrosa e rápida que dá pelo nome de imigração. Mas não é assim tão simples, como explica Rui Marques, alto comissário para a Imigração e Minorias Étnicas: "Para contrariar a tendência de envelhecimento até 2021, Portugal necessitaria da entrada anual de 161 mil imigrantes. Se a ideia fosse a de contrariar a relação de dependência de idosos, seriam precisos 188 mil imigrantes anuais, o que é inimaginável." Por outro lado, Portugal é um país misto, ao mesmo tempo de origem e de acolhimento de fluxos migratórios, e aqui também o saldo é negativo. "Por cada imigrante que recebemos, temos dez emigrantes a sair", observa. O alto comissário fez contas e assegura que "em 2004 houve mais saídas que entradas: 14.164 entradas regulares contra 25 mil saídas". Apesar

da forte presença em Portugal de três grandes comunidades imigrantes (cabo-verdiana, brasileira e ucraniana), ainda não há dados sobre a fixação dos fluxos migratórios mais recentes, mas Rui Marques suspeita que tenha já ocorrido saída de imigrantes de origem europeia, com formação e qualificação superiores, para mercados mais concorrenenciais como o espanhol, o francês e o irlandês...

Para Mário Vale, o problema é conjuntural e não estrutural. O geógrafo aponta para 2020 como o momento de saída da crise demográfica: "Quando o crescimento estiver equilibrado e novamente nivelado, tudo poderá regressar ao normal", afirma. "E até, quiçá, com as vantagens de uma população menor, em números absolutos."

De Vila de Rei a Vale de Milhacos, do envelhecimento crescente de um município a uma família numerosa, dista um contraste evidente entre abordagens da natalidade e da demografia. As estatísticas são mensageiras de evidências inelutáveis que urge combater politicamente, para cuidar do rosto enrugado da nação. Antes que seja tarde. □

